

Codesal identifica 28 áreas de risco na cidade



Moradores são orientados a deixar as casas, mas se recusam a sair de terrenos

Há 28 áreas de risco em Salvador segundo a chefe do Setor de Estatística e Informação da Codesal, Maria Emilia Freire. Os moradores desses locais estão sendo orientados a procurar a sede da Codesal, na Avenida Bonóco, para se cadastrar e serem transferidos dos locais onde moram, antes que novas tragédias aconteçam. No entanto, a maioria da população das áreas de risco não está atendendo ao chamado e continua em suas casas.

As 20 equipes da Defesa Civil estão relocando os desabrigados da Baixa do Dique para as escolas municipais situadas no bairro de São Caetano. Na Escola Alberto Valença foram alojadas 61 famílias; na Murilo Celestino, 22; na Hugo Baltazar, 36; na Pinto de Carvalho, 11; na associação do bairro, oito; e em casas de vizinhos e parentes estão 302 famílias. Até ontem tinham recebido fiança de aluguel 88 famílias. Nas áreas de São Gonçalo, São Caetano e Cajazeira VI, foram montados postos de atendimento aos desabrigados. Por causa da estrutura, toda a cidade está em risco, disse Maria Emilia Freire, e o grande medo é que ocorram novas tragédias, já que em quase todos os bairros da cidade existem favelas e ocupações irregulares das encostas, o que desestabiliza os morros da cidade.



Mais de 50 casas ameaçam cair na Invasão Iolanda Pires, onde deslizamentos já deram os sinais de perigo

PREVISÃO DO TEMPO

De acordo com o Instituto de Meteorologia, o final de semana será nublado, com céu encoberto e chuvas esparsas. A frente fria que se encontra em Salvador está estacionária e deve permanecer assim por todo o dia de hoje. Outras três frentes frias, uma da Argentina, uma do Rio Grande do Sul e outra no sul da Bahia estão se deslocando, o que pode ocasionar mais chuvas amanhã, com o encontro dessas três frentes frias com a que ainda está em Salvador. A temperatura deve oscilar entre 21 e 27 graus, com ventos fracos de sudoeste a sudeste e visibilidade de boa a moderada.

OCORRÊNCIAS

Até as 21h30 de ontem a Codesal já havia recebido 330 solicitações. Ao todo são 800 famílias desabrigadas e mais de cinco mil pessoas espalhadas pelos abrigos e escolas municipais. As ocorrências foram:

- 19 desabamentos
- 103 ameaças de desabamento
- 112 deslizamentos de terra
- 64 ameaças de deslizamento
- Sete alagamentos
- Três ameaças de queda de árvores
- Três redes de esgoto obstruídas

PONTOS CRÍTICOS

Segue a lista das áreas de maior risco, de acordo com a Codesal

- Pau Miúdo
- Ogunjá
- Calafati
- Periperi
- Baixa do Cacau
- Alto do Bom Viver
- Alto das Bananeiras
- Cajazeiras II
- São Marcos
- Castelo Branco
- Coutos
- IAPI
- Rio Sena
- Paripe
- Pirajá
- Campinas de Pirajá
- Lobato
- São Caetano
- Fazenda Grande
- São Gonçalo
- Bom Juá
- Largo do Tanque
- San Martin
- Baixa do Tubo
- Narandiba
- Beiru
- Iolanda Pires
- Fazenda Coutos

Velas acesas para os santos

Toda segunda e sexta-feira, a doméstica Leninha dos Santos, 29 anos, acende duas velas no quintal de sua casa: uma para Egum e outra para Tempo. Do mesmo quintal, pendurado em cima de uma encosta, se vê a amontoadada geografia da Invasão Yolanda Pires, no Vale do Ogujá. O risco de desabamento é eminente. Em algumas casas, a terra deslizou com as chuvas carregando paredes e dando os primeiros sinais de perigo. Mas Leninha, assim como a maioria dos moradores, não tem medo. "Não tenho um pinga de medo. Eu sempre peço a Tempo e a Deus para me proteger", diz.

E vai ser preciso muita proteção. A Invasão Yolanda Pires já está condenada desde o ano passado pela Codesal. Segundo a chefe do setor de Informação da Defesa Civil, Maria Emilia Freire, existe uma fissura no terreno da invasão, onde mais de 50 casas estão prestes a desabar. Maria Emilia acrescenta que a prefeitura pretende interditar a

área e retirar os moradores do local. "A população resiste a sair", desabafa.

Há um ano morando na Invasão Yolanda Pires com os filhos de 4, 6, 7 e 11 anos de idade, Leninha não tem para onde ir. "Só agora é que consegui comprar um terreno e sair de aluguel. Daqui eu não saio. Não tenho para onde ir", confessa. Teimosa, Leninha conta que já comprou o material para construir a casa no terreno. Por enquanto ela e os filhos tentam dormir num barraco de madeira. "Quando chove eu fico ansiosa. Mas nada vai acontecer", aposta.

O comerciante José Marcos dos Santos, 26, e a mulher, Marlene Queiroz, 22, há cerca de uma semana sentiram bem de perto o perigo do desabamento. O muro da casa onde moram com os três filhos, de 2, 4 anos e outro de seis meses de idade, desabou. A família continua morando no local, ignorando o perigo.



Edna: 'Não tenho parentes nem lugar nenhum para ir'

Doméstica vive assustada

À 1h de quinta-feira, a doméstica Dalva Matos dos Santos, 41 anos, dormia com os dois filhos e um sobrinho na casa na Rua Voluntários da Pátria, na Pedreira de Santa Luzia, no Lobato. De repente, todos acordaram com o barulho de um forte estrondo. Correram e, quando chegaram na sala, a terra e pedaços de pedras já haviam invadido a casa. Dalva pegou a família e os poucos pertences e se alojou na igreja do Lobato, onde permaneceu até ontem. "Estou muito assustada. Aqui é que eu não vou ficar", disse a doméstica.

A equipe de técnicos da Codesal foi ontem ao local e, após a perícia, condenou as casas localizadas abaixo de uma pedreira, de cerca de 30 metros de altura. Segundo os

técnicos, a Pedreira de Santa Luzia possui a mesma topografia da de São Gonçalo e do Retiro, e a rocha da encosta está em estado de decomposição e com rachaduras. O maior perigo é que as casas acima da encosta desabem e todos os outros barracos sejam soterrados.

As assistentes sociais da Codesal estiveram no local e orientaram os moradores a abandonarem as casas. A doméstica Edna de Santana, que mora com três netos, não tinha para onde ir. Edna disse que, quando chove, ela e os netos passam a noite na rua, com medo de algum desabamento. "Não tenho parente e nenhum lugar para ir. Não sei o que fazer", desabafou Edna, cujos cinco filhos estão nas casas vizinhas.

Desabrigados pedem casas à prefeitura

Vários terrenos das áreas de risco evacuadas pela Coordenação de Defesa Civil de Salvador (Codesal) na Baixa do Dique, em São Caetano, foram doados pela própria prefeitura, na década de 80. Obrigadas a abandonar o local depois do desabamento de 11 imóveis quinta-feira, as famílias querem novas casas do poder municipal. "Eles me botaram aqui neste perigo e agora vão ter que me dar outro lugar pra morar", diz Miralva Nascimento, 31, apontando para a casa, construída em um barranco. Desabrigada da Baixa do Camurigipe, ela mostra os documentos que comprovam a doação do terreno, onde construiu sua casa, em 1985. Desde o dia da tragédia, ela está de favor com o marido e três filhos na casa de um vizinho.

Assustados com o acidente que matou quatro crianças na Travessa João Nogueira, os moradores da Baixa do Dique faziam uma fila enorme ontem na porta do posto improvisado pela Codesal para cadastramento das famílias já desabrigadas. Até a manhã de ontem, já estava em 25 o número de imóveis condenados pelo órgão. As famílias estão sendo removidas em caminhões da prefeitura para a Escola Estadual Pinto de Carvalho, no fim de linha de São Caetano.

"Não sei o que a gente vai fazer, agora", lamentava a dona de casa Regina Santana dos Santos, 29 anos, na fila de cadastramento da Codesal. Ela morava com as quatro filhas na beira de um paredão, na Rua Filadelfo, 23, e passou a noite de quinta-feira na casa de uma amiga. "Se pudesse ficava na minha casa, que é própria. Mas a gente tem muito medo". Acusado pelos moradores de provocar o rompimento do dique e o consequente desabamento, o comerciante Valdemar Simões não abriu ontem as portas de seu depósito, imóvel que obstrui o canal de escoamento das águas do dique que, com as chuvas, alagou o local. Até ontem pela manhã, os moradores não tinham cumprido a promessa de destruir o depósito.



Água fez estragos no Dique



A geografia do Arraial do Retiro denuncia riscos do lugar

Nenhum resgate no Retiro

Nenhum corpo foi localizado nas buscas realizadas ontem pela manhã no Arraial do Retiro. Com os grupos de salvamento reduzidos, devido ao deslizamento ocorrido em Cajazeira VI, 40 funcionários da Sumac, 20 da Limpurb e cerca de dez soldados do Corpo de Bombeiros trabalharam na abertura de uma passagem para possibilitar o acesso de retroescavadeiras. "A estrada é a única alternativa para agilizar o resgate dos últimos corpos", disse o tenente Lopes, da PM.

Apenas uma casa precisou ser demolida para viabilizar o acesso às máquinas. Um córrego que corta a favela, bem próximo ao local onde ocorreu a tragédia, precisou ser desviado através de manilhas e o lamaçal deixou uma pá mecânica atolada duas vezes. Apesar das dificuldades, a previsão dos técnicos da Sumac era de que a passagem deveria ficar pronta ainda ontem. "Se ainda tiver alguém embaixo

da terra, além de minha mulher, não era morador", disse o pedreiro Geraldo Gomes Bispo, 45 anos, que perdeu a mulher e filho no acidente e se salvou porque estava no trabalho. O corpo do filho de Geraldo, Wellington Bispo de Jesus, 11 anos, já foi retirado dos escombros, mas o da esposa, Maria de Fátima de Jesus, 40 anos, até o final da manhã de ontem, ainda estava sendo procurado.

Diversos documentos e roupas de Maria de Fátima vêm sendo localizados, desde quinta-feira, o que aumenta o sofrimento do pedreiro. Mantendo-se firme, apesar do cansaço, a todo momento ele auxilia os bombeiros indicando as áreas onde o corpo da esposa pode ser encontrado. "A ordem que recebemos é de que o trabalho vai continuar até que existam pessoas reclamando corpos de parentes", disse um soldado do Corpo de Bombeiros.